



ANAIS do 33º Congresso Brasileiro de Espeleologia

Eldorado SP, 15-19 de julho de 2015 - ISSN 2178-2113 (online)



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 33º Congresso Brasileiro de Espeleologia disponível gratuitamente em www.cavernas.org.br/33cbeanais.asp

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

LIMA, J.G.A.; FRANÇA, E.T.; CRUZ, J.B.; KIDA, S.Y.; LINHARES, J.C.F.; FERREIRA, M.C.. Gruta das Onças – a redescoberta da primeira caverna mapeada no Brasil. In: RASTEIRO, M.A.; SALLUN FILHO, W. (orgs.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 33, 2015. Eldorado. *Anais...* Campinas: SBE, 2015. p.207-217. Disponível em: <http://www.cavernas.org.br/anais33cbe/33cbe_207-217.pdf>. Acesso em: *data do acesso*.

Esta é uma publicação da Sociedade Brasileira de Espeleologia.
Consulte outras obras disponíveis em www.cavernas.org.br

GRUTA DAS ONÇAS – A REDESCOBERTA DA PRIMEIRA CAVERNA MAPEADA NO BRASIL

GRUTA DAS ONÇAS THE FIRST REDISCOVERY CAVE MAPPED IN BRAZIL

José Guilherme Aires LIMA (1); Evanoir Tibaldi FRANÇA (1); Jocy Brandão CRUZ (2);
Sueli Yoko KIDA (3); Júlio César F. LINHARES (4); Mário de Castro FERREIRA (5)

(1) Centro Nacional de Pesquisas e Conservação de Cavernas (CECAV), Mato Grosso MT.

(2) Centro Nacional de Pesquisas e Conservação de Cavernas (CECAV), Brasília DF.

(3) Escola Estadual Presidente Médici, Cuiabá MT.

(4) Consultor / Eventual Colaborador.

(5) Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo de Pontes e Lacerda.

Contatos: nabure@gmail.com.br.

Resumo

No ano de 1790 o naturalista baiano Alexandre Rodrigues Ferreira, durante sua “Viagem Filosófica” a serviço do reino português visitou e descreveu minuciosamente, de forma científica e sistemática, as três câmaras que compõe a Gruta das Onças, medindo a largura, o comprimento e a altura de cada uma delas, confeccionando o primeiro mapa de caverna no Brasil, constituindo-se um marco histórico da espeleologia científica no país. Durante 224 anos, muitos autores fizeram referência à Gruta das Onças, mas a sua localização geográfica exata permanecia desconhecida, até que em outubro de 2014 o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas (CECAV/ICMBio), através de sua Base Avançada no Mato Grosso conseguiu localizá-la junto às cabeceiras do Rio Guaporé, no município do Vale de São Domingos, estado de Mato Grosso. Neste artigo, registramos a documentação histórica e atual sobre esta caverna, sua “descoberta”, identificação, geoespacialização, e mapa espeleotopográfico. Essas informações servirão de subsídios a futuros estudos com vistas à conservação e proteção deste relevante sítio espeleológico, patrimônio natural e cultural brasileiro.

Palavras-Chave: Gruta das Onças; Rio Guaporé; Mato Grosso; Alexandre Rodrigues Ferreira; Viagem Filosófica; Espeleologia.

Abstract

In the year 1790 the Bahian naturalist Alexandre Rodrigues Ferreira, in his Philosophical Journey the service of the Portuguese kingdom visited and thoroughly described in scientific and systematic way the three chambers that make up the Gruta das Onças, measuring the width, length and height of each of them, fashioning the first cave map in Brazil, becoming a landmark of scientific caving in the country. During 224 years many authors have referred the Gruta das Onças, but its exact geographic location remained unknown. The National Center for Research and Conservation Caves (CECAV / ICMBio) through its Advanced Base in Mato Grosso managed to locate it next to the Guaporé River headwaters in the Valley of São Domingos / MT during the field expedition in October 2014. This paper aims to make the registration of historical and current documentation of this cave, its identification, geospatialization and the preparation of espeleotopographic map. This information will serve as subsidies to the future work aimed at the conservation and protection of this important speleological site, natural heritage and Brazilian culture.

Key-words: Gruta das Onças; Guaporé River; Mato Grosso; Alexandre Rodrigues Ferreira; Philosophical Travel; speleology.

1. INTRODUÇÃO

Alexandre Rodrigues Ferreira chefiou a expedição ao Brasil denominada “Viagem Filosófica” (1783-1793), e tinha como objetivo estudar a flora, a fauna, a etnologia indígena, avaliar as potencialidades econômicas e estudar em detalhes e sob diferentes aspectos a realidade da Amazônia e

do Pantanal. Teve duração de nove anos e quatro meses, partindo de Lisboa em 1º de setembro de 1783 e retornando a Portugal em 12 de fevereiro de 1793. Percorreu as Capitanias do Grão Pará, São José do Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, explorou o Rio Amazonas desde o Marajó até o alto dos Rios Negro, Branco, Madeira, Mamoré, Guaporé, Cuiabá,

Jauru, São Lourenço e Paraguai, percorrendo uma extensão de aproximadamente 40 mil quilômetros.

Durante esse período produziu fontes importantíssimas para o conhecimento do território amazônico. Durante viagem à capitania de Mato Grosso, registrou sua visita à Gruta das Onças, em 1790. Essa gruta já havia sido registrada em 31 de dezembro de 1788, nos Anais da Câmara de Vila Bela:

Nas secas deste presente ano, mandando o padre Fernando [Vieira] da Silva uma bandeira ao sertão dos Parecis, em demanda do rio Cabaçal em busca de ouro, por ter nele notícia dos antigos sertanistas que nele o havia, na sobredita viagem, em distância de 15 léguas, pouco mais ou menos, do arraial das Lavrinhas. Marchando os bandeirantes Guaporé acima, acharam uma notável gruta com as circunstâncias seguintes: em um lugar chamado Furnas, há uma grande lapa, a semelhança de casa ou igreja, sita próximo ao mesmo rio e como frontispício para ele, junto à qual está uma praia de areia (AMADO & ANZAI, 2006, p.274-275).

Nesse registro foi apresentada uma descrição da caverna, em especial de um de seus salões, “que tem de alto 25 palmos, 50 de largo e 119 de comprido” (AULER, RUBBIOLI E BRANDI, 2001, p. 15).

Ferreira (1849, p. 88-89) complementou a informação:

O seu prospecto é à maneira de um frontispício, no qual se acham várias letras feitas; e no meio, uma cruz entranhada na pedra, obra manuense, com uma aberta, por onde se entra, coisa na verdade rara e admirável pela forma com que a natureza a ornou; o teto é como forrado, ou caído de branco no meio do qual tem uma estampa muito circular, ou como feita a compasso e tudo o mais, à maneira de arco e imitação de uma varanda. Passada esta grande sala, tem outra embocadura, no fim da qual se acha outra sala mais pequena, a imitação de capela mor, forrada por cima de branco, e pelos lados de encarnado, tudo obra puramente da natureza. O seu plano é de uma areia muito branca, por cima da qual corre alguma água claríssima, que sai do centro desta sala da parte esquerda, e pela direita ainda segue uma pequena aberta baixa, a que não puderam examinar totalmente os sobreditos bandeirantes, pois se apagavam as

luzes por falta de ar. Este esquisito descobrimento atestam e certificam o alferes de auxiliares José Joaquim Leite de Campos, comandante da mesma bandeira, e mais pessoas dignas de fé que o acompanharam, que tudo examinaram individualmente, dizendo parecia uma obra artificial.

Antes de Ferreira, em 1783, o Dr. Antônio Pires da Silva Pontes, astrônomo e cadete de Dragões, subiu a reconhecer o Alto Guaporé, mas não pode vencer as cabeceiras por causa das cachoeiras que encontrou, em número de dez, além da ponte. No entanto, seis anos mais tarde, partiu de Vila Bela no dia 9 de dezembro de 1789, para fazer o reconhecimento das cabeceiras dos rios Guaporé, Sararé, Tapajós e Jauru. Em 25 de dezembro de 1789, Pontes determinou astronomicamente as coordenadas da fonte do rio Guaporé Lat.: 14° 39' 54" e Long.: 318. - 39. Após elogiar a beleza do local, Pontes afirmou que no local havia existido uma aldeia indígena a “cujo cacique chamavam Maneques, e hoje por corrupção Moleques” (PONTES, 1789, p. 19) (Figura 2 A).

Ao chegar, em 1789, à capital da capitania de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade, Ferreira tomou conhecimento da existência da gruta, registrada nos Anais da Câmara de Vila Bela, e produziu um texto que intitulou: “Sobre a nova gruta, que modernamente se descobriu ao pé do Arraial das Lavrinhas, no ano de 1788; veja o que achei escrito nas Memórias da Câmara de Vila Bela” (Figura 2 B).

Neste manuscrito, Ferreira (1788) observou:

(N.B.): Provavelmente, segundo as notícias, não será outra coisa que uma grande gruta, decorada pela natureza com o suco lapidífico filtrado, que chamam estalactites, conforme a frase dos naturalistas.

Quando de sua viagem de Vila Bela para Cuiabá, em julho de 1790, Ferreira e sua comitiva passaram pelo Arraial de Lavrinhas, e para visitar a gruta percorreu 11 léguas de viagem no rumo geral de N.E., e ao lá chegar anotou:

Está situada a Gruta das Onças nas abas de um morro, tendo a sua boca voltada para O. S.O. Por ela sai um ribeirão de água fria, clara e cristalina, o qual corre sobre leito de areia branca, fina e móvel. Via-se toda a superfície do leito alastrada de folhas secas que caem das árvores; e aquele ribeirão as arrasta o consigo as conduz ainda depois de subterrâneo, para vir a ressurgir ao lado

esquerdo da segunda câmara interior da gruta e sair por sua boca afora. A matéria de que é formada a gruta é de uma cor vermelho glareoso e friável, cujas partículas na sua maior parte ainda têm bem franca adesão entre si. Pela medição que fizemos, mostrou ter o vão da gruta de comprimento total, 205 palmos, repartida aquela extensão em três câmaras interiores, para qual cada uma das quais dá entrada seu arco, que divide uma das outras. O grande arco superior, que forma a fachada do frontispício tem de altura 45 palmos, medido desde a superfície do terreno superior até o fundo do ribeiro. De largura mostrou 105, que outros tantos se contaram de uma a outra extremidade do arco. (FERREIRA, 1849, p.91-92) (Figura 3).

Alexandre Rodrigues Ferreira descreveu minuciosamente as três câmaras da gruta.

Sobre a primeira câmara assim se referiu:

A altura do arco inferior, que da entrada para ela e de palmos 22 $\frac{1}{2}$; largura 5 $\frac{1}{2}$; o comprimento da câmara, desde o arco da entrada até outro arco inferior, que serve de porta para a segunda é de 34 $\frac{1}{2}$; a abóboda vai sempre declive para dentro, e os palmos que conta de sua maior altura são 11; a maior largura da câmara é de 25 [palmos]. Aos 19 de julho, quando observamos esta gruta, nem pela primeira, nem pela segunda câmara andávamos a pé enxutos, porque o ribeirão, que acima disse que saía pela sua boca, inundava uma e outra, mostrando diversas alturas, que achamos pelo artelho do pé, a meia perna, e a maior de todas subia pouco acima do joelho.

Sobre a segunda câmara, assim se referiu o naturalista:

O arco da entrada tem 6 palmos de altura, sobre a grossura de 12; de largura da boca 25 [palmos]. Pouco adiante dele se atravessa um ilhote triangular, de areia abatida do teto, do comprimento de 28 $\frac{1}{2}$; largura 16 $\frac{1}{2}$; profundidade sólida 4; tem a segunda câmara de altura 24; largura 48; de comprimento até ao arco da entrada para a terceira câmara 57.

Contestando as descrições até então conhecidas, Ferreira (1849 p.93) afirmou:

1º Que desta segunda câmara é que informam os seus descobridores – que é coisa na verdade rara e admirável, pela forma com

que a natureza a ornou. Ora, os ornatos que vimos, foram alguns entulhos de terra abatidos do teto, da qual se formaram uns dois pequenos ilhotes que, examinados os lugares que os ocupam, bem se está vendo que se correspondem aos das escavações que deixaram neste teto.

2º Que da mesma natureza é a pretendida estampa circular, também por eles descoberta no teto desta sala; não sendo mais que uma escavação, como clarabóia fechada que no teto deixou a terra que se abateu, e passou a formar debaixo dela um dos dois ilhotes que lhe corresponde.

3º Que ao lado esquerdo da mesma câmara é que ressurgem o ribeirão, que até ali corre subterrado por um bom espaço de caminho, e dali continua o seu curso mais ou menos caudaloso, conforme corre as estações de verão ou de inverno.

4º Que a semelhança de capela-mor, também ali observada, foi verdadeiramente uma visão devota, porque tal semelhança não há. Bem aventuradas gentes, para as quais cada toca se lhes transforma em uma ermida, cada risco é uma cruz, cada penha um altar, e cada pedra uma imagem.

Continuando a descrever as câmaras da gruta, Ferreira assim se manifestou sobre a terceira câmara:

Vai se o entulho desta câmara levantando à maneira de uma íngreme escarpa, que sobe quase a ganhar a superfície do terreno superior, tendo de comprimento 102 de largura, aonde é maior 61 $\frac{1}{2}$; de altura 21; o arco que lhe serve de entrada, e a reparte das outras, conta de altura 21; de largura 39.

Que as observações que fizemos na segunda e terceira câmara todas foram feitas a luz de dois volumosos archotes, que mandamos acender, porque de outro modo se não via coisa alguma, do que senão escandalizaram pouco os morcegos, seus habitantes, segundo entendemos da informal chiada com quem nos agradeceram o obséquio da iluminação da gruta, havendo, entre eles, morcego do tamanho seguramente de um pombo. Pelos entulhos da gruta que ficavam superiores à inundações do ribeiro, e principalmente por todo o solo da terceira câmara, vimos algumas tocas de pacas, e mais que tudo, amiudados rastros de onças.

Pelo a que denominamos Gruta das Onças. (FERREIRA,1849, p.92-94).

Após examinarem o interior da gruta, Ferreira e sua equipe retornaram ao Arraial de Lavrinhas, e lá o naturalista chegou no dia 21 de julho muito debilitado. Sobre os trabalhos e o retorno a Lavrinhas, assim se refere Anzai:

A viagem foi difícil, e a aparência da gruta não o entusiasmou, “estilo que a ninguém encanta com seus ornatos”. Trabalhou na inspeção a luz de archotes, mal alimentado e com os pés mergulhados na água fria do ribeirão. No caminho de volta o grupo foi surpreendido por um grande aguaceiro, e o resultado disso, para Ferreira, foi uma “febre perniciososa” da qual começou a ser tratado em Lavrinhas pelo guarda-mor Veloso. No entanto, apesar de todos os cuidados do guarda-mor, a doença não recuava e o riscador José Joaquim Freire seguiu em busca de auxílio junto ao capitão general João de Albuquerque. Solícito, o governador lhe enviou “de sua própria botica os mais vigorosos medicamentos”, e após o seu restabelecimento, Ferreira escreveu ao governador agradecendo o auxílio. (ANZAI, 2004, p.88):

Comentando o seu desencanto com a Gruta das Onças, ao término dos trabalhos Ferreira (1849, p.88), decepcionado, concluiu:

Infelizmente para mim, e para os meus leitores, a Gruta das Onças nenhum outro título tem, por onde se faça recomendável, senão o de sua grandeza. Não era esse o conceito que me ela havia merecido, depois que li a informação que deram seus descobridores, a qual achei inserida nas Memórias da Câmara de Vila Bela.

Em viagem ao Forte Coimbra, no atual estado de Mato Grosso do Sul, em abril de 1791, Ferreira visitou a Gruta do Inferno, e a comparou com a Gruta das Onças:

[a Gruta do Inferno] Não é como a celebrada Gruta das Onças, onde, excetuada a grandeza, nada mais há que ver senão água, entulhos e morcegos. Porém, até na grandeza a deixa muito a perder de vista a Gruta do Inferno, digna certamente de um mais apropriado nome do que este, que lhe pôs quem a viu primeiro, que, sem dúvida, se horrorizou da sua escuridão e profundidade (FERREIRA,1842, p.365).

Compreensivo, o historiador Virgílio Correa Filho (1939, p. 124), biógrafo de Alexandre Rodrigues Ferreira, analisou a comparação feita pelo naturalista: “O confronto, ditado pelos sofrimentos que lhe causou a outra, brotam-lhe sem esforço do subconsciente conservador das penosas impressões lá sentidas”.

Não sabia Ferreira, que ele e os desenhistas/riscadores José Joaquim Freire e Joaquim José Codina haviam produzido o primeiro mapeamento de cavernas do Brasil, precedida de minuciosa descrição técnica-científica, além de um registro histórico memorável. Atualmente sua obra é reconhecida, e, sem dúvida, atribuirá uma maior relevância a esta caverna e à história da espeleologia no Brasil.

Confirma Auler (2005) que é de autoria de Alexandre Rodrigues Ferreira o primeiro mapeamento de cavernas conhecido no país, efetuado em 1790, na Gruta das Onças, no estado de Mato Grosso.

Registros posteriores sobre a Gruta das Onças são os de João Severiano da Fonseca (1880), que, ao discorrer sobre as origens dos rios ofereceu pistas importantes para a sua localização. Assim se manifestou Fonseca:

[...] Outros [rios] têm as origens no interior de cavernas, nas fraldas de montes: tais, entre muitos, o famoso cabeceira do Guaporé, nascido no oco de uma rocha ou paredão vermelho, de grés rico em minério de ferro (FONSECA,1880, p.30).

[...] A principal cabeceira do Guaporé é conhecida por esse nome e pelo de Meneques, do de um cacique de uma aldeia de parecis que ali existiu (FONSECA,1880, p.132). *Origina-se o Meneques, segundo Ricardo Franco, aos 14º40' Lat. E 318º39' Long. do meridiano ocidental da Ilha de Ferro. As outras cabeceiras chamadas Lagoinha ou Ema, Sepultura e Olho d' Água ficam a esquerda daquela, descem de perto da aresta de S.O. da Chapada, incorporam-se em distante de poucos quilômetros, e ao passar na cidade vai já o Guaporé com um formoso curso de 250 quilômetros* (FONSECA,1880, p.132).

A despeito dos registros históricos existentes, a localização exata da Gruta das Onças ainda permanecia, até outubro de 2014, desconhecida.

A leitura e análise dos registros históricos que apresentamos nos ofereceram importantes pistas que

funcionaram como ponto de partida que levaram a equipe do CECAV/MT a localizar, no município do Vale de São Domingos, mais precisamente na Cabeceira do Ribeirão Moleques, afluente do Rio Guaporé, na Serra dos Parecis, região oeste de Mato Grosso, a Gruta das Onças.

A redescoberta da Gruta das Onças

O Dr. Augusto Auler, da Universidade Federal de Minas Gerais, em 09 de fevereiro de 2005, encaminhou um documento ao IBAMA-CECAV/MT fazendo uma consulta espeleo-histórica sobre a localização da Gruta das Onças. Fazia parte dessa documentação mapas do acervo do Museu Bocage, da Faculdade de Ciências de Lisboa, e a memória da viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira a esta gruta. Logo em seguida, a equipe do Dr. Augusto Auler e a equipe do IBAMA-CECAV/MT realizam a 1ª Expedição em busca a Gruta das Onças, em março de 2005 munidos do texto “Viagem à Gruta das Onças”, e de mapas produzidos pelos desenhistas da expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira. No entanto, não houve resultados práticos relacionados à localização da gruta.

Nova expedição foi marcada para 2014, e de posse de novos documentos, os pesquisadores seguiram em busca da Cabeceira do Moleques. No dia 8 de outubro de 2014, durante os trabalhos de prospecção em campo, ao entrevistar o senhor Manoel Neto Neves, gerente da Fazenda Alto Guaporé, e sua esposa, senhora Maria da Conceição Martins dos Santos, a equipe recebeu dos entrevistados a informação de que existia uma caverna no local denominado Moleques, embora o casal nunca a tivesse visitado. Imediatamente a equipe seguiu para aquele local, e, lá chegando, após um primeiro reconhecimento, constatou, com alegria e intensa vibração, que havia chegado à famosa Gruta das Onças, 224 anos após a visita de Alexandre Rodrigues Ferreira, que a denominou e descreveu.

Realizamos, em 25 e 26 de novembro de 2014, trabalhos de exploração, mapeamento (figura 9, foto C), descrição e produção de farta documentação visual.

2. METODOLOGIA

O CECAV/ICMBio/Base Avançada em Mato Grosso, desenvolve o “Projeto Inventário Anual do Patrimônio Espeleológico Nacional”, cujo objetivo é

inventariar cavernas através de expedições de campo, prospectando, registrando e validando a sua localização geográfica (geoespacialização). Todas as informações coletadas são inseridas na Base de Dados do CECAV, e disponibilizados para consulta pública.

Os trabalhos executados obedeceram as seguintes etapas:

Pesquisa bibliográfica

- Ω Consulta bibliográfica (manuscritos, livros, revistas, documentos eletrônicos, mapas históricos e atuais).
- Ω Transcrição paleográfica de documentos manuscritos conforme normas vigentes, redação para a escrita contemporânea visando melhor compreensão.
- Ω Elaboração de glossário para melhor entendimento do texto.
- Ω Organização da documentação em ordem cronológica e sua localização.
- Ω Análise crítica e interpretação do material bibliográfico.

Prospecção

Para os trabalhos de prospecção em campo adotou-se:

- Ω Pesquisa argutiva através de entrevistas informais com moradores locais, munidos de documentos como mapas e aquarelas (mapa) da Gruta das Onças.
- Ω Acesso à gruta, realizado por veículo 4x4 Toyota Bandeirante, e caminhamento por trilha na mata, com percurso de 1.000 metros até a gruta.

Geoespacialização

Utilizou-se a metodologia oficial adotada pelo CECAV.

- Ω Coleta das coordenadas geográficas obtidas com equipamento de GPS portátil, em graus decimais, datum WGS 84 a partir da captura de sinais advindos de mais de 4 satélites no ponto onde se localiza a base topográfica “zero” da entrada da cavidade com erro máximo de 15 metros de deslocamento;

- Ω Nome do Município, nome da propriedade/ áreas protegidas, região ou localidade onde a cavidade se insere;
- Ω Altitude, Litologia, Registro fotográfico, Dados de identificação do proprietário da área onde a caverna está inserida.
- Ω Os dados coletados foram inseridos na base de dados do CECAV compondo a relação das cavernas brasileiras.

Espeleotopografia

Os trabalhos de mapeamento seguiram as seguintes etapas:

- Ω Prospecção endocárstica com identificação prévia dos possíveis locais para as bases topográficas e respectivas nomenclaturas.
- Ω Participação de três (03) profissionais: Ponta de trena (e anotador), desenhista (utilizando prancheta, trena laser e bússola) e instrumentista (utilizando trena laser, trena de fibra de vidro, clinômetro e bússola), registro em fichas específicas.
- Ω Cálculos e elaboração das linhas de trena após a coleta de dados em campo, utilizando procedimentos de informática (Compass),
- Ω Elaboração dos desenhos em projeção horizontal, perfil e corte transversal (Corel Draw).
- Ω Medidas espeleométricas da cavidade com precisão 3D BCRA.

Este trabalho foi registrado por fotografias e filmagens que vem subsidiando a melhor caracterização espeleológica da referida gruta.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

A equipe discutiu a descrição da gruta feita pelos descobridores coloniais (Amado e Anzai, 2006 p. 275): “Seu prospecto é à maneira de um frontispício, no qual se acham várias letras feitas; e no meio, uma cruz entranhada na pedra, obra manuese”. E também na descrição de Ferreira (1849, p.92): “Na parede do frontispício que se deixa ver uns como caracteres orientais, porém que pelo gosto e teor de sua formação bem mostram sem contradição alguma ser obra dos gentios que ali se têm agasalhado”.

Constatamos que as letras e os caracteres orientais são, na realidade, pinturas rupestres (vestígios arqueológicos pré-históricos) que, apesar

de estarem ilegíveis na parede deste frontispício, no interior da gruta se encontram em bom estado de conservação, conforme se observa na figura 9, foto D.

Outro ponto levantado foi o da inscrição feita por Ferreira na fachada da gruta por ele assim referida: “Também nós, no mesmo frontispício, inscrevemos tão somente o ano em que o vimos e examinamos” (FERREIRA, 1849 p.92). No entanto, não foi possível encontrá-la, devido às intempéries pelas quais passou a rocha ao longo do tempo.

A Expedição de 2005 baseou-se em três (03) documentos: Viagem a Gruta das Onças de Ferreira (1849), os três (03) mapas (aquarelas dos desenhistas/riscadores) e a *Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas de Rondon* (1952), que serviram de referência para os trabalhos de prospecção. Constatou-se *in loco* a inexatidão da localização da Gruta das Onças plotado no mapa de Rondon, pois a situa próximo ao rio Gabriel Antunes, e não na cabeceira do Ribeirão Moleques, local exato onde ela se encontra, conforme se pode observar na figura 7.

No texto Viagem à Gruta das Onças, quando Ferreira (1849, p.88) cita: “Nas secas deste presente ano [...] em demanda do rio Cabral em busca de ouro”, este local serviu de referência para as entrevistas feita com os moradores locais e os mesmos disseram desconhecer a existência e localização do rio Cabral. Durante as pesquisas bibliográficas, quando tomamos conhecimento do livro “Anais de Vila bela 1734-1789”, de autoria de Janaína Amado e Leny Caselli Anzai (2006), percebemos a divergência entre as duas versões deste documento, um publicado em 1849 e outro em 2006; quando se lê: “Nas secas deste presente ano [...] em demanda do rio Cabaçal em busca de ouro” elucidou-se a dúvida, pois o “rio Cabral” é o rio Cabaçal, tratando-se de um erro de leitura de quem transcreveu os manuscritos em 1849. Outra divergência observada entre as versões destes documentos foi constatada na frase: “Marchando os bandeirantes Guaporé acima, acharam uma notável gruta [...] sita próxima ao mesmo rio e como frontispício para ele” (Amado & Anzai, 2006, p. 274-275); este último trecho da frase foi omitido na versão de Ferreira (1849).

Descrição atual da Gruta das Onças:

Geoespacialização (Datum WGS 84)

Latitude S: 14º 59' 48.3”

Longitude W: 58° 56' 57.3''

Altitude: 533 m

Segundo Projeto RADAMBRASIL (1982) a Gruta das Onças desenvolveu-se em rochas do Grupo Parecis, Formação Utiariti, do Período Cretáceo, na Era Mesozoica. Sua litologia é constituída por arenito ortoquartzíticos parcialmente feldspáticos, cores variegadas, granulação fina a média com seixos esparsos, maciços e localmente silicificados. Localizada na unidade geomorfológica Planalto dos Parecis em superfície pediplanada, na cabeceira do Ribeirão Moleques, um dos formadores da margem direita do alto Rio Guaporé tributário da grande Bacia Amazônica.

Trata-se de uma cavidade natural subterrânea com apenas uma abertura identificada voltada para OSO na base da pequena escarpa côncava, formando um abrigo de projeção semicircular com 48m de abertura e cerca de 15m de altura (Figura 9, foto B).

A Gruta das Onças possui desenvolvimento predominantemente horizontal de 167 m, desnível de 13 m, desenvolvimento N-S de 116 m, desenvolvimento L-O de 63 m, com alguns acúmulos de sedimento residual, arenosos de coloração alaranjada e branca.

Numa visão geral, a gruta possui três (03) setores bem definidos, interligados por galerias mais estreitas e tetos relativamente mais baixos, são estes: 1) Salão da entrada composta pelo grande abrigo e zona penumbra (figura 9, foto A); 2) Salão do meio, dotado de zona penumbra e afótica onde o curso d'água aparece (surgência). Neste local observou-se a maior concentração de morcegos; 3) Salão do fundo, totalmente afótico. É o maior salão da caverna, onde se constata as abóbodas do teto e suas colorações avermelhadas e esbranquiçadas (figura 9, foto F).

Ao longo dos trabalhos na Gruta das Onças em novembro/2014, observou-se no teto da galeria entre o salão do meio e o salão do fundo, próximo à base 05, algumas representações de arte rupestre pré-histórica, basicamente figura geométrica (figura 9, foto D).

Na entrada da gruta, em zona penumbra, observou-se uma grande quantidade de blocos e fragmentos de rocha, sobrepostos ao piso, com coloração mais clara, permitindo-nos deduzir e afirmar e que se trata de um “recente” abatimento do teto (figura 9, foto E).

Observou-se uma pequena mudança na parte do teto que caiu (figura 9, foto E), bem como, uma alteração no final da terceira câmara, descrita por Ferreira (1849 p. 93) que diz: “Vai se o entulho desta câmara levantando a maneira de uma íngreme escarpa, que sobe quase a ganhar a superfície do terreno superior.” Constatou-se atualmente que este sedimento desenvolvido a maneira de uma íngreme escarpa encontra-se erodido no final do salão do fundo (terceira câmara), conforme se pode observar nas figuras 8 A e B.

4. CONCLUSÃO

Considerando a semelhança da ilustração da aquarela do prospecto da Gruta das Onças (figura 3) feita pelos riscadores/desenhistas comparada com as observações atuais (riscos, fotos e “olhar crítico”) realizadas in loco no provável local desenhado em 1790. Considerando a similaridade da forma, da dimensão e da orientação OSO da abertura do grande abrigo (entrada da gruta) constatado na projeção horizontal nos mapas (1790 e 2014).

Considerando a similaridade com a morfologia geral da gruta e a aproximação de algumas medidas antigas e atuais (1790 e 2014).

Considerando o confronto entre as descrições das feições naturais feito pelos antigos expedicionários e os atuais.

E após exaustiva análise dos documentos, comprovando as citações e elucidando as divergências, foi possível realizar o registro do contexto histórico e atual sobre a Gruta das Onças.

Portanto, conclui-se que a Gruta das Onças foi reencontrada, identificada, geoespacializada e remapeada, e de agora em diante não restarão mais dúvidas da sua exata localização. Seus dados serão registrados e inseridos na Base de Dados do CECAV e estarão disponibilizados para consulta pública. Acreditamos que este trabalho irá contribuir para o conhecimento e a preservação da relevante Gruta das Onças, a primeira caverna mapeada no Brasil.

AGRADECIMENTOS

A Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo de Pontes e Lacerda nas pessoas de João Carlos da Silva Martins – Secretário Municipal e do Analista Ambiental Mário de Castro Ferreira - pelo apoio na realização dos trabalhos em campo.

A Prefeitura Municipal do Vale de São Domingos, na pessoa do Sr. Prefeito Daniel Gonzaga Correa, secretários e vereadores pelo apoio na expedição de novembro/2014.

A TV Centro América pela cobertura e divulgação da redescoberta da Gruta das Onças.

Especialmente ao Sr. Manoel Neto Neves gerente da Fazenda Alto Guaporé e sua esposa Sra. Maria da Conceição Martins dos Santos, pela indicação da localização da Gruta das Onças.

Ao Luiz Eduardo M. B. Cruz pela leitura, sugestões e incentivos.

Ao amigo fotógrafo Mário Friedlander pelas fotos.

Ao amigo Júlio César Linhares pela paciência, nos ensinamentos e experiências vividas durante a confecção dos mapas.

Ao colega Dr. Augusto Auler pela leitura, revisão, sugestões, incentivo no desafio da busca a Gruta das Onças e pela generosidade ao disponibilizar os mapas de Alexandre Rodrigues Ferreira.

A colega Leny Caselli Anzai pela leitura, revisão e finalização do texto e as valiosas contribuições sobre a vida e obra de Alexandre Rodrigues Ferreira.

Ao Vanílio Marques, Casseano Germano dos Santos e Luiz Alberto de Brito no auxílio aos trabalhos de campo.

A todos que tornaram possível esta conquista.

E ao eterno Mestre Alexandre Rodrigues Ferreira pelo legado. Dedicamos este trabalho a ele como homenagem póstuma pelos 200 anos de sua morte.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Janaína & ANZAI, Leny Caselli. *Anais de Vila Bela 1734-1789*. Cuiabá-MT: EdUFMT, 2006. 319p.
- ANZAI, Leny Caselli. Doenças e práticas de cura na capitania de Mato Grosso: o olhar de Alexandre Rodrigues Ferreira. 2004.284p. Tese de Doutorado em História. Universidade de Brasília. Brasília, 2004.
- AULER, Augusto. *Espeleologia no Brasil: Uma abordagem histórica*. Sociedade Brasileira de Espeleologia / Espeleo-Tema, v. 18, 1997. 24p.
- AULER, Augusto; RUBBIOLI, Ézio; BRANDI, Roberto. *As grandes cavernas do Brasil*. Belo Horizonte: Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas, 2001. 228 p.
- Carta Limítrofe do Paíz de Mato Grosso e Cuyabá desde a Foz do Rio Mamoré Athe o Lago Xarayes e seus Adjacentes. Levantado pellos Officiais da Demarcação dos Reais Domínios de Sua Majestade Fidellíssima desde o anno de 1782 athe o de 1790.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. Alexandre Rodrigues Ferreira – Vida e obra do grande naturalista brasileiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. 231 p.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Gruta do Inferno*. 2ª ed. Tomo IV In: Revista Trimensal de História e Geografia. nº 15, 1842. pág. 363-367.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem a Gruta das Onças*. 2ª ed. Tomo XII In: Revista Trimensal de História e Geografia / Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, 1849. pág. 87-95.
- FONSECA, João Severiano da. Viagem ao redor do Brasil 1875-1878 Vol. I Esboço chorográfico da província de Matto Grosso. Rio de Janeiro, 1880.
- Projeto RADAMBRASIL. Levantamento de Recursos Naturais. Geologia, Geomorfologia, Pedologia, Vegetação, Uso Potencial da Terra. *Ministério das Minas e Energia. Volume 26 Folha SD. 21 Cuiabá*. Rio de Janeiro, 1982. 531p.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas*. (1952) Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso - Ministério da Guerra – Estado Maior do Exército. São Paulo: Companhia Litográfica Ipiranga. 1 mapa, colorido, 2,30 m X 1,98 m. Projeção policônica americana. Escala 1:1.000.000. Detalhes 01, 02, 03 e 04.

SERRA, Ricardo Franco de Almeida Serra. O maior e mais ocidental braço do rio Tapajós. 1748-1809. *Acervo Biblioteca Nacional Digital / BNDigital*. Localização ARC. 025,05,012 on Cartografia.

Manuscritos

Sobre a Nova Gruta, que modernamente se descobriu, ao pé do Arraial das Lavrinhas, no Ano de 1788, veja-se o que achei escrito nas Memórias da Câmara de Vila Bela, Alexandre Rodrigues Ferreira, 1788. Acervo da Biblioteca Nacional. Mss1352143.tif

Diário da diligência de reconhecimento das cabeceiras dos rios Sararé, Guaporé, Tapajós e Jauru que se acham todos debaixo do mesmo paralelo na serra dos Parecis em Dezembro de 1789, Antônio Pires da Silva Pontes e José Manuel Cardoso da Cunha. Fundação Biblioteca Nacional, catálogo de manuscritos. 33p. I-32, 19,004.

Tabelas e Ilustrações

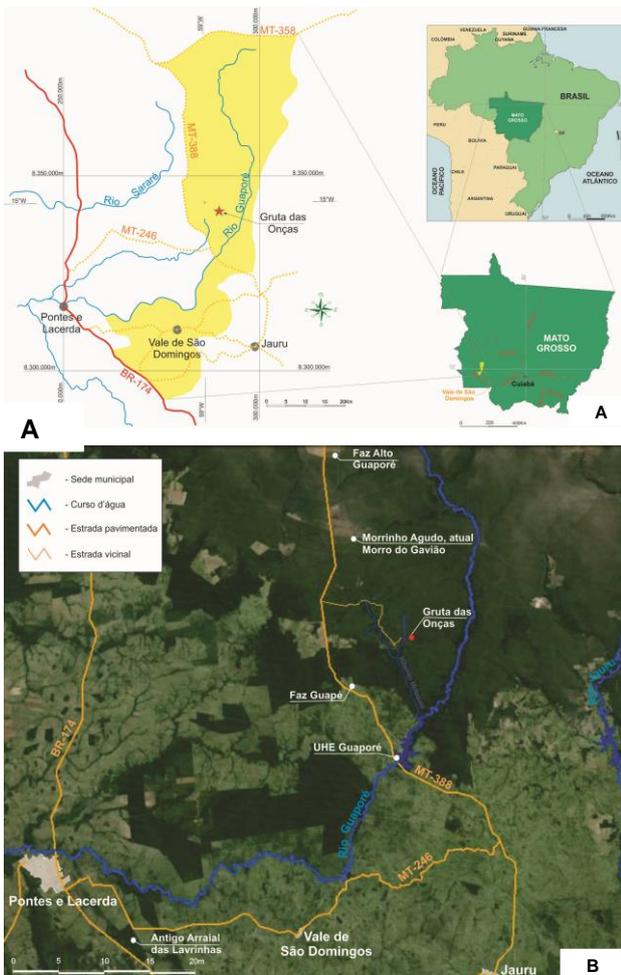


Figura 1 - A - Mapa de localização da Gruta das Onças. **B –** Croqui de acesso a Gruta das Onças / Google Earth.

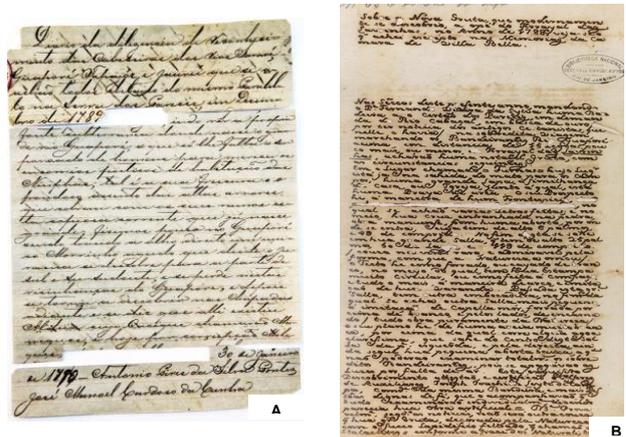


Figura 2 – A - Manuscrito: Diário da diligência de reconhecimento das cabeceiras dos rios Sararé, Guaporé, Tapajós e Jauru que se acham todos debaixo do mesmo paralelo na serra dos Parecis em Dezembro de 1789. Fundação Biblioteca Nacional, catálogo de manuscritos. 33p. I-32, 19,004. (Foto: Mário Friedlander)
B – Manuscrito: Sobre a Nova Gruta, que modernamente se descobriu, ao pé do Arraial das Lavrinhas, no Ano de 1788, veja-se o que achei escrito nas Memórias da Câmara de Villa Bela. Acervo da Biblioteca Nacional. Mss1352143.tif.

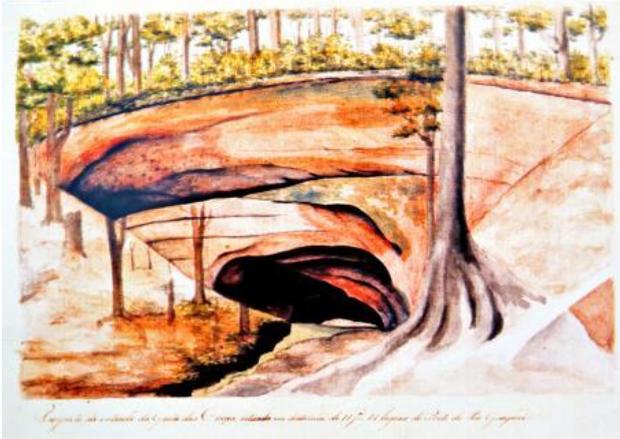


Figura 3 - Prospecto da entrada da Gruta das Onças, situada na distância de 11 para 12 légoas do porto do Rio Guaporé / 1790. Acervo Museu Bocage / Lisboa – Portugal. (Foto: Mário Friedlander).



Figura 4 – A – Mapa fazendo referência ao Ribeirão Moleques. Carta Limítrofe do Paíz de Mato Grosso e Cuyabá desde a Foz do Rio Mamoré Athe o Lago Xarayes e seus Adjacentes. Levantado pellos Officiais da Demarcação dos Reais Domínios de Sua Majestade Fidellíssima desde o anno de 1782 athe o de 1790. (Foto: Mário Friedlander)

B - Detalhe do Ribeirão Moleques no mapa: Rio Juruena, o maior e mais ocidental braço do rio Tapajós... Ricardo Franco de Almeida Serra, 1748-1809.

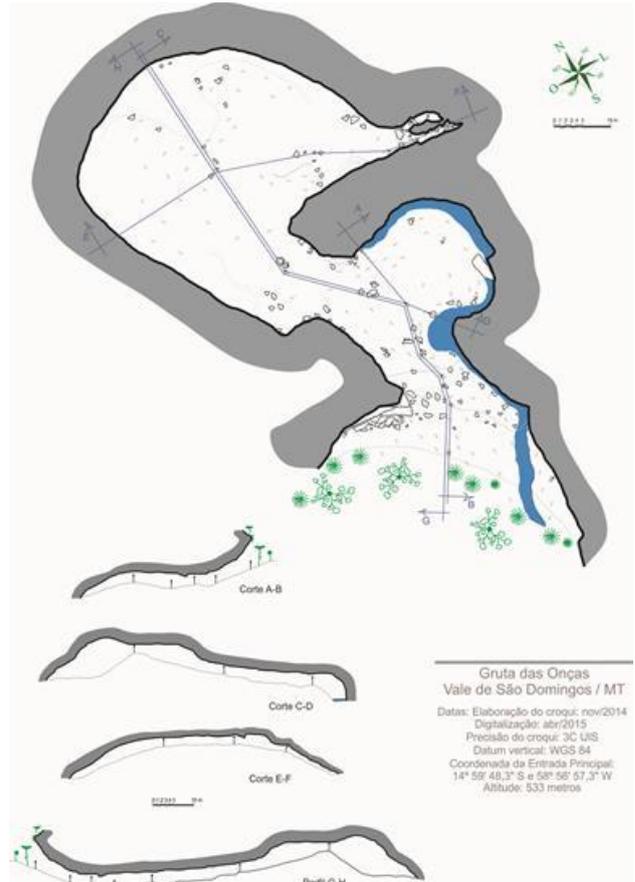


Figura 5 – Mapa espeleotopográfico atual da Gruta das Onças – CECAV / 2014.

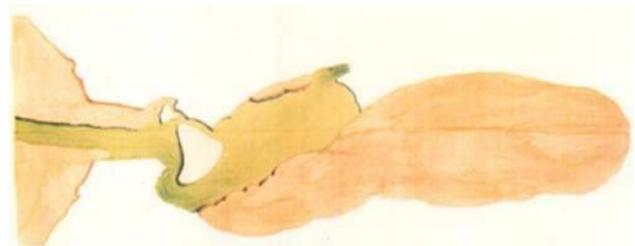


Figura 6 – Planta da mesma Gruta das Onças – 1790. Acervo Museu Bocage / Lisboa – Portugal.



Figura 7 – Detalhe da Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas. Cândido Mariano da Silva Rondon (1952) mostrando a localização incorreta (seta vermelha) da Gruta das Onças e a exata (seta azul) da cabeceira do Ribeirão Moleques. Museu Histórico de Mato Grosso. (Foto: Mário Friedlander).

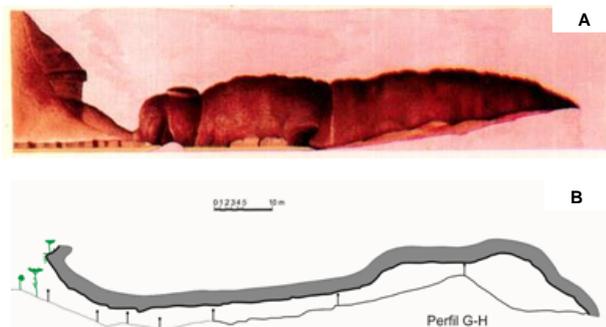


Figura 8 – Comparativo entre os perfis antigo e atual. Observar as mudanças atuais ocorridas no salão do fundo (terceira câmara).

A - Planta da mesma Gruta das Onças / 1790. Acervo Museu Bocage / Lisboa – Portugal.

B – Perfil atual da Gruta das Onças - CECAV / 2014.

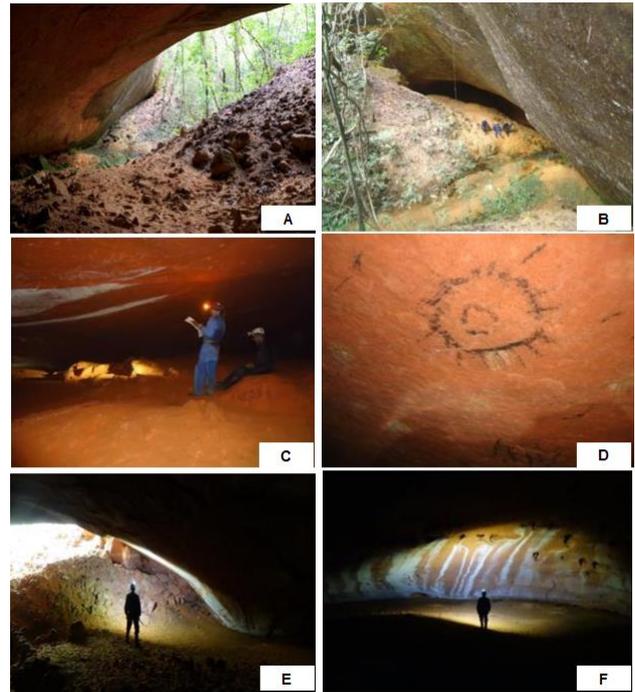


Figura 9 – Foto A - Vista interna da entrada da Gruta das Onças.

Foto B - Vista externa da entrada da Gruta das Onças.

Foto C - Trabalhos de mapeamento da Gruta das Onças.

Foto D – Arte rupestre estampada no teto no interior da Gruta das Onças.

Foto E – Blocos abatidos na entrada da Gruta das Onças.

Foto F – Vista do escorrimento caído (branco), salão do fundo no interior da Gruta das Onças.

Fotos A (Mário Castro); C e D (José Guilherme A.

Lima); Fotos B, E e F (Júlio C. F. Linhares).